Copyright © 2020, Eine Spinosa

Capa: Greyce Kelly
Diagramação: Greyce Kelly
Revisão: Regina Souto

Dados internacionais de catalogação (CIP)
Spinosa, Eine
Humilde Rainha
1ª Ed 2020.
1. Literatura Brasileira. 1. Título.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência. Todos os direitos desta edição reservados pela autora.

Sumário

PRÓLOGO 5

Capítulo 1 – CASTELOS DE VENTO.....15

Capítulo 2 – A SENTINELA DOS SONHOS.....38

Capítulo 3 - A Estranha Dama 139

Capítulo 4 – O CHEIRO DAS VELAS 245

Capítulo 5 - RAINHA DE SANGUE 291

Capítulo 6 – ESPAÇO DE UM INSTANTE 333

Capítulo 7 – A DESCOBERTA DE SI MESMA.....367



PRÓLOGO

Paixão.

Traição.

Ganância.

Uma névoa cinzenta e triste pairava ao redor da fazenda mais rica de toda a região de Rio Pardo. A chuva caía abundante, como as lágrimas de uma virgem que chora incessantemente.

No seio da família Gonçalves uma jovem rainha usava seu belo vestido de noiva, mas não havia qualquer resquício de felicidade em seu semblante e sim uma profunda tristeza no olhar. Parecia uma boneca de porcelana. Sem vida. Imóvel. Ausência total de sentimento.

A cerimônia nupcial na verdade seria uma espécie de sacrifício, onde a virgem seria imolada perante um altar que fora cuidadosamente preparado para ela por um longo tempo. O altar da maldade. Seria sacrificada sem piedade ao deus da ganância.

O faminto deus da ganância que cedo ou tarde reclamaria a sua vida, devoraria sua carne e mastigaria seus sonhos. O povo que idolatrava o pavoroso deus da ganância já se apresentava no templo e todos já estavam embriagados, esperando ansiosos a hora do sacrifício. “Sim, venham ao sacrifício, todos que adorais o grande deus da ganância.” Venha linda jovem pois o altar está à sua espera. A virgem chora pois não quer morrer. Ela quer viver. Haveria alguém disposto a salvá-la e impedir o terrível sacrifício?

“Três rainhas! Três coroas... Um único destino!”

Era fim de tarde. A luz pálida e tênue que antecede aos últimos raios alaranjados do pôr do sol, começava a se desfazer em penumbra por entre as colinas de ventos sussurrantes. O frio do Sul era quase insuportável naquela época do ano. As barracas e tendas já estavam armadas e a maioria das mulheres e crianças estavam sentadas na grama seca ao redor de uma fogueira, enquanto os homens foram providenciar comida. O grupo atualmente era formado por 5 famílias totalizando o número de 33 pessoas. Naquele ano a taxa de mortalidade foi bem elevada fazendo– os migrar constantemente por diversas vezes como folhas secas sendo repelidas pelo vento.

– Minha pátria é onde estão os meus pés! –Murmurou ela, parada, olhando as montanhas e colinas de Rio Pardo.

A pequena Natasha Pelissari de apenas 6 anos saiu de uma das barracas e caminhou a passos trêmulos até a mãe que desde que chegara ali naquela manhã fria e úmida, não dissera uma única palavra.

– A senhora está bem, mamãe?

Ela olhou para o rosto pálido da criança e sorriu.

– Sim... Estou!

O vento soprou um pouco mais forte assobiando momentaneamente fazendo com que Natasha se encolhesse ainda mais ao lado da mãe, que continuava parada olhando de maneira inexpressiva o horizonte que estava diante de seus

olhos negros. Uma leve neblina pairava no ar cobrindo quase toda a região das colinas deixando a paisagem homogênea. De repente a mãe voltou para sua tenda feita de bambus e coberta por uma grossa lona. O local era dividido em 3 grandes compartimentos que apesar de simples era confortável. O chão era coberto por tapetes que ela mesma fizera e o marido cochilava sobre um cobertor de retalhos coloridos, estava cansado pois trabalhara muito naquele dia. A mulher cobriu a cabeça com um lenço negro, tirou suas sandálias e calçou as botas.

— Mamãe, para onde vais?

Ela abraçou a filha e sussurrou.

— Preciso sair, mas volto logo!

— Por favor, deixe-me ir contigo! — Suplicou ela com sua voz chorona e olhos arregalados que lembravam duas jabuticabas.

Trovão cavalgava em um ritmo veloz pelos verdes pampas sulista. Apesar da idade ainda era robusto e ágil com sua pelagem lisa e lustrosa. O vento uivava. Após uma intensa cavalgada de 15 quilômetros pelas colinas, Trovão instintivamente diminuiu as passadas e finalmente parou como se soubesse o local que deveria chegar. Estavam diante de uma gigantesca massa escura recoberta por uma densa neblina que pairava no ar.

As nuvens escuras que cobriam o céu, por alguns instantes se dissiparam deixando o brilho mórbido da lua cheia exibir a imagem misteriosa que estava ali a frente. Era uma fazenda! Uma

fazenda vazia que apesar dos vários anos de abandono ainda permanecia majestosa e firme. Ambas desceram do cavalo e a garota segurou a mãe gélida e fina de sua mãe.

– Que lugar é esse? – Murmurou assustada.

– Aqui já foi um castelo! – Respondeu em tom de lamento.

– Um castelo? De quem?

– De uma rainha...

– Uma rainha de verdade?

– Sim...

– Você a conhecia? Qual era o nome dela?

A cigana suspirou, deu alguns passos meio trôpegos e atravessou a pequena cerca de madeira já gasta, escura e desbotada pela ação do tempo. O jardim outrora belo como um campo florido agora parecia um pântano. Estava alagado e o mato cresceu de forma desordenada, cheia de arbustos, cipós e ervas daninhas que tomavam toda a propriedade. Havia muitas árvores mortas ali por perto com galhos retorcidos que mais pareciam garras. Olhou para a piscina e a única coisa que pôde ver foi uma camada de lodo que cobria toda a superfície das águas.

A porta estaria aberta? Olhou para o alto da casa e viu muitos corvos sobrevoando o lugar. A fachada estava enegrecida. Ela segurou a mão da criança e caminhou a passos firmes como se estivesse sendo aguardada. A porta de nogueira estava entreaberta e rangeu com o soprar do vento

que também ousou entrar ali. Natasha meteu as mãos no bolso do agasalho.

– Aqui é mais frio do que lá fora...

A mãe tirou da bolsa de retalhos uma pequena lamparina e a acendeu fazendo com que um pequeno facho de luz iluminasse timidamente a escuridão.

A sala suntuosa tornara-se em um amontoado de lixo, móveis destruídos e os janelões de vidro estavam quebrados. O salão de baile estava escuro e vazio. O imenso tapete napolitano estirado no chão, carbonizado, agora não passava de cinzas. Na parede escura havia um enorme quadro pintado, mas a pintura era apenas uma nódoa sem forma. O lustre gigante pendurado no teto de gesso não passava de uma grande mancha escura coberta de poeira, teias de aranhas e morcegos. De repente um som nostálgico invadiu sua mente, com força, como se ela por uma fração de segundos tivesse entrado por um túnel do tempo. Lembrou-se da valsa no dia da festa de noivado. A música, as pessoas alegres segurando suas taças de champanhe felicitando o jovem casal. As mulheres usavam vestidos longos, exibiam joias caríssimas em seus pescoços, chapéus enormes e sofisticados. Os homens gordos e suados usavam ternos e gravatas. O pai embriagado caiu no meio do salão constrangendo a família. Alguns gargalhavam, mas a maioria dançava ao som da valsa. Não era uma valsa qualquer. O violino parecia vivo. Triste. Uma sensação nauseante invadiu seu corpo e por alguns instantes ela pôde

vê-los dançando, perfeitamente embalados pelo som melancólico e lamurioso que vinha do violino. Os seus pés doíam... Não podia dançar! Tentou espantar aquela lembrança, ignorando-a como se fosse um sonho que não valia a pena ser lembrado! Natasha olhava as paredes enegrecidas e ligou o interruptor, mas não havia energia elétrica lá desde aquela tragédia. O fogo consumindo tudo...

A atmosfera da casa era assustadora. Dava para perceber muitos ratos correndo e se escondendo atrás dos poucos móveis que ainda restaram.

– Mamãe, quem mora nessa casa?

A cigana chegou ao primeiro degrau da escada e respondeu sem olhar para a garota.

– Uma lembrança.... Às vezes lembranças viram fantasmas...

– Que tipo de lembrança?

– A lembrança de um passado intenso, porém triste e amargo. –Respondeu enquanto subia os degraus da longa escadaria e Natasha a acompanhou rapidamente.

O vasto corredor parecia não ter fim. Havia muitas folhas secas espalhadas pelo chão, as cortinas velhas e sujas se mexiam embaladas pelo vento. Um pedaço do teto havia caído deixando aquela parte da casa na penumbra.

– Estou com medo! –Murmurou a garota.

– Não precisa ter medo!

– Mamãe, cadê a dona dessa casa?

– Ela não está mais aqui...

– Onde ela está?

– Ela foi amarrada e trancafiada num quarto escuro para que fosse esquecida para sempre!

– Ela morreu?

– Sim... Ela morreu! –Respondeu cheia de pesar. – Mas o resquício de sua essência ainda permanece impregnado nas paredes, como um câncer devorando tudo!

– Essa casa é muito grande, mamãe! Aposto que cabe todo mundo do acampamento aqui...

– ... E ainda sobraria espaço! –Concluiu ela. – Vê todos esses quartos, Natasha? Muitas pessoas importantes já passaram por aqui!

– A senhora já esteve aqui antes?

– Sim, eu já estive aqui... Conheço cada detalhe desse lugar como a palma de minha mão...

As nuvens cobriram a lua fazendo a casa mergulhar novamente em densas trevas. Sombras enormes e indefinidas se projetavam nas paredes, fazendo com que Natasha agarrasse cada vez mais firme o pulso de sua mãe.

Elas chegaram no último quarto e entraram, mas ali não era mais um quarto, era apenas um espaço sombrio e frio. A janela estava aberta sendo levemente embalada pelo vento que gemia na escuridão.

– Mamãe, me conta a história da rainha que morava nessa casa!

A cigana ficou em silêncio, parada diante da janela olhando o bosque que ficava lá no fundo da fazenda. A menina a abraçou.

– Não precisa falar nada... Se não quiser...

Ela acariciou os cabelos finos da filha, suspirou e uma lágrima tremeu no canto de seu olho.



Capítulo 1 – CASTELOS DE VENTO

"— O empresário mais bem sucedido da cidade" – Sussurrou a mãe em um devaneio sórdido.

Naquela manhã fria e cinzenta de fim de maio, uma jovem experimentava pela primeira vez o seu vestido de noiva que acabara de chegar pelo correio. Sem demonstrar nenhuma emoção, Bianca Gonçalves estava parada diante do enorme espelho, contemplando o luxuoso vestido de seda branca egípcia cravejado de cristais que custou uma quantia absurda. Seu rosto pálido, cabelos finos com as pontas quebradas e as pálpebras arroxeadas davam— lhe uma expressão fantasmagórica. Parecia cansada. Durante muito tempo ela aguardou aquele momento. Seu vestido, o banquete de

casamento, a igreja, os convidados... Tudo pronto!

E o mais importante de tudo: O noivo! Ah, o noivo! Bianca simplesmente fisgou o jovem mais cobiçado da cidade! O sonho de consumo de todas as garotas de família de Rio Pardo. O jovem casal se conhecia desde a mais tenra infância. Cresceram juntos correndo ao redor da grande fazenda, brincando com os cavalos e nadando no lago que fica na propriedade dos Gonçalves. Bianca sempre viveu em um conto de fadas. Um mundo colorido de sonhos e de puro glamour. Sempre teve tudo o que quis. Desfrutou de tudo do bom e do melhor. Viajava para a Europa e a Ásia duas a três vezes ao ano. Por exigência da mãe fez faculdade de medicina no Rio de Janeiro mesmo sem ter a menor aptidão para isso, e como era de se esperar, nunca seguiu a profissão. Acabara de completar 24 anos e sentia o peso de toda a família nas costas, por causa da irresponsabilidade do pai. Estava com medo! O conto de fadas terminara. A princesa perdeu o brilho e sua alma foi tragada por uma escuridão severa. Sua bela coroa fora tirada de sua cabeça e jogada para longe. O castelo de sonhos foi atingido em cheio por um furacão vindo do nada. Tudo caiu e foi reduzido a migalhas. Pensou em morrer. Queria voltar a ser criança. Uma época

em que não sabia o significado da palavra "problema". Única época em que verdadeiramente foi feliz. Cercada de cuidados, mimos, luxo sem fim, recebendo tratamento de uma autêntica rainha russa. Tudo em sua vida se resumia a diversão, incluindo o dia a dia com seu único e melhor amigo Otávio que na época era apenas um garotinho agradável, tímido, gorducho e cheio de sardas no rosto. Ele costumava fazer pipas e barquinhos com folhas de jornal e ambos ficavam horas na beira do lago ou da piscina tentando fazê-los boiar sob a supervisão de babás. A inocência da infância foi embora junto às pipas levadas pelo vento. Hoje eles não eram mais crianças. Eles cresceram! O passado ficou para trás junto com as boas lembranças. Hoje Bianca estava mudada. A menina feia e desajeitada com cachinhos escuros e que usava óculos fundo de garrafa e aparelho nos dentes deu lugar a uma mulher miúda de 1,50 de altura e de olhos grandes escuros e assustados, mas ao mesmo tempo muito insegura que era facilmente dominada pela mãe! Bianca não era considerada uma mulher bonita, mas O status social da jovem atraía os olhares cobiçosos e sonhos pérfidos das famílias de classe média que ansiavam o poder e o dinheiro.

O noivo. Otávio Muller vinha de uma excelente linhagem, apesar dos pais estarem separados há 10 anos. Tinha um nome forte e respeitado na comunidade. Sua mãe a advogada Meredith Muller era filha de uma atriz de teatro inglês que brilhou nos palcos europeus nos anos 50, e o pai foi um magnata alemão que fez fortuna no ramo de petróleo, com a morte do pai, Meredith recebeu uma fortuna incalculável. Hoje Otávio também estava mudado. Era bonito, alto, cabelos castanhos, olhos azuis... Educação impecável, formado em economia na universidade de Harvard. Antes de ir para Massachusetts era um adolescente vaidoso que adorava diversão. Ele e Bianca estavam sempre saindo com os amigos para a capital onde gostavam de baladas, cinemas e boates. Quando ele voltou ao Brasil, já era um homem bem maduro com os seus 25 anos e cheio de planos, nunca quis viver à sombra do pai que queria a todo custo introduzi-lo na política. Após a sua formatura, ele recebeu de presente da avó materna, uma gorda quantia e comprou um terreno onde construiu um supermercado que era o maior de toda a região. Em menos de um ano tornou-se o empresário mais bem-sucedido da cidade de Rio Pardo. Sua empresa vendia produtos importados de alta qualidade às regiões adjacentes, cujos fornecedores eram do Chile e

Argentina. Agora ele também era responsável pelo escritório de advocacia em Porto Alegre onde cuidava dos negócios de sua mãe que teve que se afastar do trabalho por motivos de saúde. O noivo. Filho do prefeito que já estava em seu segundo mandato e que em breve tentaria uma reeleição na câmara dos deputados. O prefeito que chegara ao poder com a ajuda financeira do pai de Bianca que era conhecido por ser o maior criador de gado em todo o estado e que adorava esbanjar dinheiro nos salões de jogos e nos cassinos de Las Vegas. O Casamento perfeito. O casamento "arranjado" pelas famílias mais poderosas da atualidade. O deus da ganância já estava acordado e com os olhos bem abertos.

Bianca continuava calada. Olhar absorto. Não parecia estar ali. À sua frente estava ajoelhada a jovem empregada Luana Damasceno, que dava uns pequenos retoques ao vestido. Por um instante, Luana soltou a agulha que lhe furara o dedo deixando à mostra algumas gotas de sangue que rolaram sobre a pele bronzeada.

De repente alguém bateu na porta, fazendo Bianca despertar de seu leve estado catatônico. Luana abriu a porta e Helena entrou segurando um lindo buquê de flores que comprou na feira. Ela usava um vestido

longo florido, com luvas negras e um belo chapéu branco!

Helena Kersh visitava a fazenda todos os meses e ajudava nos cuidados do irmão caçula de Bianca que tinha TEA. Kaique tinha 8 anos e quase não pronunciava nenhuma palavra, mas por outro lado, era um pequeno gênio da matemática, resolvia qualquer tipo de cálculo matemático em segundos no papel e adorava desenhar e pintar. Ficava a maior parte do tempo no quarto assistindo TV. Ele frequentava uma escola privada no centro da cidade e tinha acompanhamento médico desde os 2 anos. Apesar de não se comunicar verbalmente, era extremamente calmo e de natureza singela.

Helena e Bianca se conheceram no início da faculdade, a princípio ela via Bianca como se fosse uma criancinha assustada que se perdeu dos pais, pois ela era a típica garota do Rio Grande do Sul que viveu a vida toda numa fazenda do interior, e era muito tímida, quieta, absurdamente reservada; distante e sem amigos. Helena a ensinou como sobreviver no Rio de Janeiro e como encarar aquela nova fase da vida tão longe de casa e da família. Bianca não sabia fazer nada sem a ajuda de Helena, praticamente dependia dela para tudo, até que dividiram um apartamento

no Leblon e se tornaram grandes amigas desde então.

Helena era muito bonita. Possuía seios fartos e um corpo escultural esguio e longilíneo de fazer inveja a qualquer uma. Parecia uma modelo de passarela com 1,80 de altura e olhos verdes, lábios carnudos, cabelos ruivos ondulados na altura da cintura e sua pele era branca com uma leve pitada de sardas na região do nariz. Atualmente morava sozinha num apartamento simples em Porto Alegre, mas sonhava em ir morar no exterior e nunca mais voltar. Tinha uma personalidade marcante. Muito extrovertida e dona de uma inteligência incrível. Falava 12 línguas. Tocava piano, violino e violoncelo desde criança. Dedicou-se a psicologia infantil e fonoaudiologia. Era filha única de um casal de cirurgiões suecos que moravam no Rio de Janeiro.

Dona Estela andava de um lado para o outro, conversando no telefone com Almerinda a tia de João Paulo, contando os detalhes do casamento que seria celebrado dentro de 30 dias. Estava tão eufórica, até parecia que era a noiva. Ela vendeu algumas de suas joias mais caras que ainda lhe sobraram para financiar o tão esperado casamento. Sabia que o sofrido investimento valeria a pena. A filha daria continuidade ao

importante legado da família que era conhecida pela fortuna e riqueza. A mãe que só pensava nos prazeres que o dinheiro podia proporcionar. Amava ser invejada, amava ser o centro das atenções nas festas e compromissos corriqueiros na comunidade, amava ser o principal motivo dos comentários das dondocas que a observavam continuamente. Amava ser temida. Seu olhar altivo, autoritário e soberbo causava calafrios até no marido de quem ela fazia gato e sapato. Ela comandava a casa com mão de ferro. Aquela fazenda era seu castelo luxuoso de 900m com 39 cômodos de pura opulência, requinte e bom gosto com tapeçaria fina importada da Índia, papel de parede de seda da Itália, sala de música, biblioteca, corredores intermináveis todos feitos de mármore, 15 quartos, 7 banheiros, uma piscina olímpica medindo 50 metros de comprimento e 25 de largura, e dezenas de empregados distribuídos entre cozinheiros, faxineiros, limpadores de piscina, jardineiros, vigias noturnos, costureiros, cabeleireiros e manicures que faziam parte de seu acervo pessoal. Há 2 semanas todos foram mandados embora, ficando apenas a jovem Luana de 21 anos, sua avó de 70 anos e o capataz Abner com dois filhos gêmeos de 18 anos. Luana e sua avó Dolores eram descendentes de ciganos e agora

faziam todo o serviço doméstico desde lavar, passar e cozinhar. Ambas moravam ali há muito tempo e eram praticamente da família. Luana tinha a pele da cor de canela e lindos olhos verdes que pareciam duas esmeraldas. Seus cabelos eram cacheados e compridos que viviam cobertos por um lenço branco. Usava um lindo colar de ouro com um pingente em forma de meia-lua que pertenceu a sua falecida mãe, a cigana Adélia. Luana era muito bonita e alguns a chamavam de mulher gato por causa da maquiagem árabe que usava no contorno dos olhos. Dolores era um verdadeiro cão de guarda e não permitia que ninguém se aproximasse dela. Pretendentes nunca faltavam para cortejar uma das ciganas mais bonitas de Rio Pardo, mas até agora não houve nenhum agraciado que chamasse a atenção da jovem que até aquele momento não tinha olhos para ninguém. Apesar de ser muito jovem, Luana tinha uma personalidade forte, instintiva e um espírito de sobre modo excelente. Gostava muito de ajudar os necessitados e nas horas vagas costumava tricotar roupinhas de bebês para as futuras mamães pobres das comunidades carentes de Rio Pardo que não podiam comprar enxoval e costurava agasalhos para os idosos que moravam no asilo que havia ali perto. Ela era o

tipo de pessoa que estava pronta para ajudar quem quer que fosse.

Era fim de tarde. João Paulo, o pai de Bianca, estava no fundo da fazenda, repousando numa velha cadeira de balanço, fumando seu cachimbo. Era um sujeito de pele muito branca e de baixa estatura, braços finos, calvo, olhos azuis, aparência ainda jovem e bem cuidada entrando nos seus 45 anos. Suas roupas estavam amassadas e suas botas de couro italiano estavam sujas de esterco de vacas. Esticou a mão e se serviu de uma taça de vinho do Porto que era sua bebida favorita. Era filho de imigrantes portugueses. O avô Archibaldo Gonçalves comprou uma fazenda improdutiva caindo aos pedaços no fim da década de 70 e começou a criar algumas vacas que passou a fornecer leite, queijo fresco e carne à pequena comunidade. Nos primeiros anos, conseguiu chegar no primeiro milhão! Ao longo do tempo tornara— se um dos maiores produtores de gado do estado. Após a morte do pai de João, o bem-sucedido advogado Frederico Gonçalves que foi vítima de um derrame na semana do casamento do filho, eles já eram considerados a família mais rica de Rio Pardo e possuíam a maior fazenda de toda a região. João sempre se gabou da fortuna da família. O luxo. As viagens de fim de ano pela Europa. As compras em Miami.

Todos naquela região o olhavam de baixo para cima com respeito. Eram paparicados onde quer que fossem e seus nomes eram pronunciados com reverência, mas de uns tempos para cá João andava meio cabisbaixo e solitário pelos cantos. Ele agora carregava algo que o envergonhava profundamente. Algo que NINGUÉM podia saber: O DINHEIRO ACABOU! Ele literalmente dormiu rico e acordou pobre. Todo o dinheiro da família foi pelos ares nas mesas de jogos. O telefone não parava de tocar um só instante. Cobranças e mais cobranças. Cartões bloqueados, cheques devolvidos, ameaças de agiotas... Tiveram que demitir mais de 20 empregados da fazenda naquele ano por causa de dívidas. A esposa ameaçou de pegar os filhos e ir embora, mas desistiu porque teve medo do escândalo vir à tona e ficar mal falada diante da sociedade. Agora ele observava com tristeza os poucos animais que restaram na fazenda... Alguns porcos, meia dúzia de galinhas e algumas vacas leiteiras que ainda garantiam o pão de cada dia. Fechou os olhos e suspirou tentando trazer à memória as mil e trezentas cabeças de gado Nelore que pastavam livremente pela propriedade. Lembrou quando comprou um helicóptero e costumava sobrevoar a fazenda e observar a boiada lá de cima, até que seu brinquedinho predileto infelizmente foi

tomado pelo banco. Por uns instantes sentiu uma leve pressão no peito seguido por uma nostalgia que o fez suspirar deixando os olhos rasos d'água. Teve saudades. Saudades daquele homem vigoroso que levantava as 5:30hs da manhã, tomava um café digno de rei e montava em seu cavalo premiado que galopava pelos verdes pampas sulinos. Sentiu um amargor lhe subir a garganta e murmurou baixinho, tentando consolar a si próprio.

— Dinheiro não traz felicidade! Eu vou conseguir recuperar tudo de volta! É só uma fase ruim...

Havia uma esperança, um plano maquiavélico sutilmente elaborado pela esposa, havia uma carta escondida na manga: O casamento de Bianca! A filha estava prestes a se casar com o maior empresário da cidade! Tudo voltaria ao seu devido lugar. As festas, as viagens e o luxo que tanto procuravam ostentar aos olhares invejosos de parentes e amigos. Sim! O casamento da filha levantaria a família do chão e a ergueria até o céu! Estava tudo pronto, faltavam poucos dias, tudo estava saindo perfeitamente bem. Só tinham que esperar o grande dia do triunfo da família Gonçalves!

Helena olhou surpresa para Bianca.

— O que houve com você? Até parece que está se preparando para um enterro...

— Não é nada... Apenas não estou dormindo muito bem! –Respondeu ela guardando o vestido na caixa.

— Pensei que você mesma fosse produzir o seu vestido...

— O plano era esse, mas mamãe não permitiu... Fez questão de encomendar os magníficos serviços de Sara Al Madane!

— Quem é essa?

— Uma estilista árabe renomada que mora em Abu Dhabi nos Emirados Árabes Unidos!

— Quem dera se eu soubesse costurar como você...

— Sorte sua você não ter uma mãe chata que se mete em tudo...

— Se você não lembra, a minha é tão chata que eu só a visito uma vez a cada três meses! Coitado do papai...

— Sim, eu sei...

Helena parou diante do espelho e deu uma olhadela rápida no vestido florido que estava usando.

— Relaxa, guria! Você está se preparando para entrar no clube das casadas... Logo vai emprenhar, ficar gorda e terá sorte se não ficar parecida com sua mãe...

Bianca olhou para a amiga e balançou a cabeça. Helena era uma boa pessoa, mas às vezes tinha uma espécie de humor negro. Ela

passou a caminhar pelo gigantesco aposento elegante, sofisticado, todo em mogno com cortinas azul claro.

— O que vamos fazer nessa noite?

Bianca deu com os ombros.

— O que você quer fazer?

— Podemos ir ao cinema! Estreou um filme novo, vamos?

— Qual é o título?

— Tubarões Pré-históricos!

— Hum, é sobre o quê?

— Um tamanduá que quer ser cantor... –Respondeu num tom irônico.

— O que você disse?

— Puxa, mas você não entende uma piada, hein?! Deixa pra lá!

— Não estou com cabeça para piadas... E nem para cinema!

— Saudades do Leon Partice... Que tal irmos lá?

Bianca sentiu um calafrio correr pelo seu corpo seguido por uma fisgada no coração. Seu rosto redondo com feições infantis corou. Preferiria morrer ali mesmo ao invés de admitir que não tinha dinheiro nem para jantar com uma amiga.

— Sabe... Eu não estou muito bem... Que tal se ficarmos hoje em casa?

A amiga suspirou.

— Tudo bem... Que tal um champagne para essa noite?

— Ai você só pensa em beber... -Gritou eufórica sem se dar conta do que acabara de falar.

Helena virou o pescoço e olhou para Bianca como se estivesse diante de uma desconhecida.

— O que deu em você?

— Nada! –Respondeu andando pelo quarto, esfregando as mãos, tentando esconder uma possível crise de ansiedade. — Só estou muito cansada... Deve ser a minha falta de sono, pois faz dias que não durmo direito! Que tal um delicioso café nigeriano?

— É... Pode ser...

Dona Dolores foi até o galpão de mantimentos que ficava em um quarto no fundo da fazenda e arrastou um saco de 10 quilos até a cozinha. Depois de abrir a boca do saco com uma faca, pegou um moedor de madeira, encheu de grãos e sentou-se num banquinho. Luana aproximou-se da avó e sentou-se ao seu lado.

— Quer ajuda?

A velha senhora suspirou, erguendo a cabeça para o alto.

— Não meu amor, está tudo bem... – Respondeu ela colocando o moedor entre as

frágeis pernas finas que já não eram mais tão fortes e robustas como antes.

O frescor da juventude havia lhe abandonado aos poucos, aos longos dos anos. Hoje era uma velha obesa e corcunda que ainda ousava se arrastar pela cozinha.

A menina observava com parcimônia os movimentos regulares que a velha senhora fazia com as mãos. O cheiro gostoso de café moído impregnava o ar da cozinha. Luana se levantou- se e foi terminar de ralar o coco para pôr no bolo de milho que já estava pronto. Em minutos o café quentinho fumegava na garrafa, pronto a ser servido nas xícaras de porcelana que dona Estela trouxe de sua última viagem a Suíça.

— Pode levar o café e o bolo para o quarto da menina Bianca!

Luana segurou a bandeja prateada que foi confeccionada na Tailândia e foi até o quarto deixar o lanche da tarde. Ao voltar para a cozinha, perguntou um pouco curiosa.

— Estranho, não é vovó?!

— O que é estranho, querida? – Perguntou enquanto varria o chão de mármore.

— Não percebeu que nesses últimos dias a agitação da casa mudou?

— Eu não percebi nada não... – Respondeu Dolores fazendo pouco caso.

— Pois eu sim! Antes o lanche da tarde era iogurte, geleia, pão de queijo, sanduíches, chocolate quente...

Dolores a encarou com um olhar severo.

— Isso não é da nossa conta! O que os patrões comem ou deixam de comer não nos interessa!

— Não estou reparando, vovó! É que sempre que chegava uma visita eles faziam questão de nos deixar ocupadas por horas servindo todo tipo de comida!

A velha senhora parou de varrer e apoiou a ponta do cabo em uma das mãos, fazendo o queixo relaxar. Por alguns segundos deixou— se levar em pensamentos. A neta tinha razão. Antes o serviço pesado da fazenda era todo concentrado na cozinha. Dona Estela recebia visitas todo santo dia desde o pastor da congregação local até as senhoras da comunidade e por isso contratara uma chefe renomada da França chamada Isolda Plissonier que trabalhava arduamente dia e noite com um ótimo salário. Diziam que ela já foi cozinheira da Rainha da Inglaterra e do Papa nos anos 80. A todo instante eram servidos os mais variados pratos. Diariamente a cozinha cheirava a um prato diferente! Tinha dias que cheirava a carne de coelho cozido na mostarda com ervas finas e manteiga da terra, outro dia cheirava a legumes refogados, bolo

de fubá com canela, chocolate branco suíço derretendo com um leve aroma de vodca, doces de caramelo cristalizando, cebolas fritando com peito de frango e alcatra.

Até que um belo dia Isolda foi embora. Dona Estela dizia que ela teve que voltar ao seu país com o intuito de fazer um curso gastronômico mais elaborado a fim de ampliar seus dotes culinários.

Atualmente naquela casa só havia farinha, arroz e feijão. As visitas sumiram. O café nigeriano ocupou o lugar do famoso champanhe Armand de Brignac importado do Norte da França. Dona Estela escondeu o último gradeado no fundo da adega para a festa de casamento da filha. O medo da falência ser descoberta a fez tomar uma atitude inusitada. O buffet de casamento previsto para receber 200 convidados agora seria restrito apenas aos membros mais chegados da família dos noivos e somando tudo daria umas 15 pessoas.

A velha Dolores suspirou.

— Sim, querida! Eu percebi, mas isso não é da nossa conta e não convém falar sobre isso!

No começo da noite, dona Dolores foi a suíte master de dona Estela preparar o seu banho. Aquele quarto era o maior de toda a casa com dois closets e mais uma sala íntima

separada dos ambientes comuns. Dolores encheu a banheira feita de mármore Carrara com água morna e misturou com óleos de lavanda e sais de violeta deixando um perfume adocicado no ar. Acendeu algumas velas ao redor da banheira deixando o ambiente aconchegante e relaxado. Dona Estela deslizou para dentro da banheira, mas não conseguiu relaxar. Sua cabeça fervilhava. O que serviria para os convidados do buffet? A lista do cardápio já estava pronta. Serviria rolê de vitela e um peru à moda Basca. E como sobremesa serviria Tartelete bruleé Maçaricado. Estela tinha 42 anos e ainda conservava intacto o frescor da juventude pois sempre pagou caro para cuidar da beleza. Seu banheiro era uma réplica perfeita de um famoso SPA que conheceu na França logo quando se casou. Era filha de imigrantes espanhóis das terras dos Pirineus. Aos 8 anos de idade perdeu a mãe para a tuberculose e seu pai que era extremamente ocupado a colocou em um internato feminino na capital para estudar. Ele era veterinário e cuidava do gado na fazenda mais famosa de Rio Pardo e recebia um ótimo salário. A jovem Estela costumava visitar o pai duas vezes ao ano, gostava de vê-lo trabalhar quando estava de férias daquele internato católico onde vivia a maior parte do tempo e em uma de suas

andanças por lá conheceu o tímido João Paulo que era neto do patrão. A morena de olhar enigmático, sangue quente e corpo escultural logo chamou a atenção do único herdeiro dos Gonçalves.

Quando anoiteceu, João Paulo recusou-se a comparecer à mesa para o jantar e resolveu se trancar em seu escritório com o intuito de esvaziar o resto que sobrou da garrafa de vinho do Porto. Ele não conseguia mais sequer olhar para as escassas visitas que ainda apareciam por lá. Sentia-se um fracassado. Estava consumido de vergonha. Dolores preparou o último frango que estava no freezer e o serviu com salada de batatas. Era possível perceber algo de estranho no ar. Um silêncio absurdo imperava em toda a casa. Quase todas as luzes estavam apagadas. A qualquer momento a companhia de luz viria cortar o fornecimento de energia atrasados a 3 meses. Nenhum empregado à vista. Dona Estela também não veio jantar alegando uma forte dor de cabeça, afinal era ela quem estava preparando tudo para que o casamento da filha ficasse perfeito, pois segundo os rumores que corria pela cidade aquele seria o casamento do ano e nada poderia sair do controle. Kaique costumava fazer as refeições em seu quarto assistindo desenhos do Bob

Esponja pela TV à cabo. As babás tiveram que ser dispensadas naquela semana, para a tortura de todos. Elvira e Noemi trabalharam lá desde que o garoto foi diagnosticado com autismo aos 2 anos de idade. Estela fez questão de contratar pessoas com experiência em enfermagem para medicá-lo, levá-lo às consultas médicas e monitorá-lo dia e noite. Ela ficou decepcionada com a situação do filho caçula e resolveu deixá-lo de lado sob a supervisão de pessoas mais capacitadas. Ela queria um filho homem que cuidasse do patrimônio milionário da família no futuro, o cargo de herdeiro oficial ficou nas costas de Bianca que levaria a glória da família adiante. Kaique era uma criança muito dependente e pelo andar da carruagem tudo indicava que ele precisaria de ajuda a vida inteira pois não falava, raramente interagia e sequer sabia comer sozinho. Por sorte Luana o alimentava de bom grado pois sempre lhe teve uma profunda afeição. Ela era paciente e carinhosa com crianças.

O silêncio enervante de Bianca chamou bastante a atenção de Helena.

— Está tudo bem?

Bianca deu de ombros e respondeu sem olhar para ela.

— Sim... Está!

— Tem certeza? A atmosfera da casa está diferente... Cadê todo mundo?

— Os empregados tiraram férias...

— Todos de uma vez? –Perguntou surpresa.

— Todos de uma vez... –Respondeu devagar.

Durante todo o jantar ela evitou olhar na cara da amiga. Temia que ela visse estampado em seus olhos que a fortuna da família simplesmente sumiu. O problema é que Bianca não sabia disfarçar nada, ela sempre foi uma garota muito transparente e Helena tinha olhos de águia e nada passava desapercebido por ela. Estava na cara que havia um problema, mas Helena resolveu ficar calada e fingir que não percebeu nada. O casamento da amiga estava se aproximando e já que ela ficaria todo aquele mês lá na fazenda, cedo ou tarde ela descobriria qual era o enigma que a jovem noiva lutava inutilmente para esconder. Às vezes Bianca era teimosa feito uma mula e tinha dificuldades para se abrir a uma conversa, mas Helena era perspicaz. Ficaria calada e apenas observaria com cautela o comportamento estranho daquela família que cedo ou tarde deixaria escapar alguma coisa. Seria interessante bancar a detetive mais uma vez! Antes de dormir, Helena ficou parada diante

da janela de seu quarto, olhando o céu estrelado. Sentindo o coração pesando uma tonelada dentro do peito, soltou um longo suspiro de tristeza. Ela nunca foi considerada uma pessoa religiosa, mas naquele momento sentiu uma enorme necessidade de falar com Deus e ali na escuridão; ela fechou os olhos e murmurou desejando ser ouvida.

"Oh, meu Deus! Me ouça por favor, envie alguém para me ajudar a sair dessa enrascada. Sei que não estou sendo honesta como deveria, mas me ajude! Livre— me desse caminho tortuoso no qual me enveredei. Envie alguém para interferir nessa história! Estou consumida de vergonha e não tenho forças para voltar atrás."

O peso no coração continuava. Sentiu vontade de tomar um comprimido para dormir, mas não tomou. Deitou-se na cama e tentou dormir, novamente não conseguiu.



Capítulo 2 – A SENTINELA DOS SONHOS

Renan Jacobsen acordou quando ouviu o choro do bebê que estava ao seu lado, no colo de uma mulher magra e miúda que usava um pano na cabeça.

Ele esfregou os olhos e observou o céu nublado pela janela do ônibus. Fazia muito frio e suas roupas não eram lá muito apropriadas para o clima subtropical úmido do Rio Grande do Sul. Meteu a mão no bolso da jaqueta velha e pegou a foto do pai tirado em seu último aniversário. Não parecia ter mais de 60 anos. A princípio teve raiva, depois um leve misto de tristeza e remorso. Não era a primeira vez que brigava com seu velho, mas tinha certas coisas que era difícil engolir e por isso teve que partir para cuidar da própria vida. Nunca foi segredo para ninguém que pai e filho estavam sempre se desentendendo e

sua partida de casa era fato já previsível. Na noite anterior, Renan pediu dinheiro emprestado a um amigo e pegou o primeiro ônibus para Rio Pardo pela madrugada. Guardou a foto no bolso dizendo a si mesmo: "Tanto faz!". Ao descer do ônibus com passos meio cambaleantes, ele aspirou profundamente o ar frio da cidade. Várias pessoas transitavam por ali carregando bolsas e bagagens. Faminto entrou na primeira lanchonete que viu, tirou algumas moedas da carteira e ficou em silêncio olhando para o nada. Era a primeira vez que viajava de ônibus para tão longe. Foram 15 horas de viagem e estava bastante enjoado. O dono da lanchonete aproximou-se.

— O que tu desejas, guri?

Renan saiu de seu leve estado catatônico.

— Sabe dizer onde posso arrumar algum serviço?

O homem roçou a mão calejada na barba.

— Você veio de onde?

— São Paulo!

— O que tu fazias lá?

— Eu trabalhava numa fábrica de móveis, mas resolvi procurar coisa melhor aqui em Rio Pardo!

— Olha... Você pode procurar serviço na fazenda Gonçalves! Lá nunca falta trabalho...

— E onde fica? –Perguntou cheio de interesse.

O velho rabiscou alguma coisa em um papel e o entregou.

Renan caminhava pelos verdes pastos indo na direção da fazenda. O céu continuava nublado e o frio era de matar. Precisava arrumar um lugar para ficar pois não tinha dinheiro suficiente nem para alugar um quarto numa hospedaria. Talvez tivesse um lugar nessa fazenda. Ele nunca trabalhou no campo, mas estava disposto a arranjar qualquer coisa que aparecesse na frente, não importava o que fosse. Suas pernas tremiam e sentia uma dor lancinante nos joelhos que piorava à medida que subia aquela colina. Finalmente depois de meia hora de caminhada ele avistou a fazenda. Era imponente. Gigante. Cheia de charme. Estilo colonial. Apareceu um cachorro já bem velho da raça husky siberiano que foi até ele abanando o rabo, na sua coleira estava escrito o nome Lobo. Ele parou por alguns instantes e ficou pensativo. O lugar parecia abandonado, não havia ninguém à vista. Se aproximou mais um pouco e viu um imenso jardim onde todas as plantas estavam mortas. Não sabia por que, mas, o lugar parecia transmitir uma tristeza,

sensação de abandono e solidão. Era bonito, mas vazio ao mesmo tempo. Lembrou— se da avó que adorava cultivar flores no sítio onde morava lá em São Paulo. Também pôde perceber uma estufa. Ele estranhou não ter ninguém por ali e por alguns instantes achou que estava no lugar errado. A piscina estava suja de lodo e havia muitas folhas secas espalhadas pela água. Ele murmurou para si mesmo:

— O velho tinha razão, aqui não falta trabalho!

Olhou para o céu e começou a trovejar, na noite passada choveu bastante enquanto viajava de ônibus sem ter a mínima ideia de onde iria chegar, também viu muitos corvos sobrevoando o telhado.

— Então, vamos lá!

Ele começou a rodear a fazenda tentando encontrar alguém, mas o lugar estava deserto. Pôde ver ao longe algumas vacas que pastavam por ali. As janelas estavam todas fechadas e resolveu bater na porta da frente.

Bianca não queria se levantar para tomar o café da manhã. Fazia muito frio. Ficou encolhida na cama debaixo dos lençóis de seda branca. Luana deixou um copo de leite com café e um pão com manteiga em cima da cômoda. Não queria acreditar que só tinha aquilo para comer no café da manhã. Será que

Helena percebeu alguma coisa?! Talvez tenha percebido e resolveu guardar para si e fofocar depois. Ela sabia ser má quando convinha. Olhou para o relógio de parede e já era 8:40hs da manhã. Com certeza Helena já estava de pé, no quarto de Kaique em mais uma sessão para tentar fazê-lo falar. Naquela noite receberia a visita do noivo que estava voltando de viagem à capital e que a levaria ao Grand Leon Partice, o restaurante mais sofisticado da cidade e sem mencionar que era o preferido de Helena. Fungou deixando uma lágrima rolar pela pele pálida. Talvez a mãe tivesse razão. O casamento dela com Otávio os privaria daquela vergonha. As palavras da mãe martelavam constantemente em sua cabeça.

"— Pense no seu irmão! Como vamos tratá-lo sem dinheiro?".

Sim. Kaique precisava de tratamento e esperar pelos serviços do governo estava fora de cogitação e sem mencionar que isso retardaria o seu progresso.

Bianca levantou-se e ainda de pijama do Snoopy saiu do quarto sem fazer barulho. Caminhou de pés descalço pelo imenso corredor de mármore frio. Estava um pouco escuro por causa do início do inverno. O céu tomado de nuvens enegrecidas deixava a atmosfera da fazenda cinzenta e triste. Parecia uma mansão de filme de terror. Ao chegar ao